Cadernos Teologia Pública

JESUÍTAS

A sensibilidade religiosa de Thoreau

Edward F. Mooney

ISSN 1807-0590 (impresso) • ISSN 2446-7650 (Online)
ano XIV • número 123 • volume 14 • 2017

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

UNISINOS

A sensibilidade religiosa de Thoreau

Thoreau's Religious Sensibility

Resumo

A prática religiosa de Thoreau é a reverência e devoção às coisas do espírito. Sua reverência é pelas coisas que estão impregnadas de espírito, encontradas aqui, em todo canto ao nosso redor. Ainda mais importante, sua prática é servir aos outros, em especial àqueles escravizados, que necessitam de auxílio ou são esquecidos. Ele vive os seus Paraísos e Infernos particulares, seu jeito de meditar e de permanecer imóvel. Ele exulta na presença do sagrado por todos os lados – no rosto de um trabalhador, em revolucionários como John Brown, no chamado zombeteiro da mobelha no meio do lago, no sussurrar das árvores e nos campos desolados no topo do Monte Ktaadn.

Palavras-chave: Thoreau; Sensibilidade Religiosa; Espírito; Serviço aos outros.

Abstract

Thoreau's religious practice is reverence and devotion to things of the spirit. It's reverence for spirit-infused things, found everywhere here around us. As important, his practice is service to others, especially those enslaved, in need, or forgotten. He lives his own Heavens and Hells, his own ways to meditate, to be still. He exults in the presence of holiness all around -- in the face of a worker, in revolutionaries like John Brown, in the antics of a loon at mid-pond, in whispering of trees and haunting barrens atop Mt Ktaadn.

Keywords: Thoreau; Religious Sensibility; Spirit; Service to Others.

A sensibilidade religiosa de Thoreau

Edward F. Mooney
Syracuse University, Nova York, EUA

Tradução: Eduardo Vicentini

Cadernos Teologia Pública é uma publicação impressa e digital quinzenal do **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**, que busca ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica e a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade nas ciências, culturas e religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, constituem o horizonte da teologia pública.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
Reitor: *Marcelo Fernandes de Aquino, SJ*
Vice-reitor: *José Ivo Follmann, SJ*

Instituto Humanitas Unisinos
Diretor: *Inácio Neutzling, SJ*
Gerente administrativo: *Jacinto Schneider*

www.ihu.unisinos.br

Cadernos Teologia Pública
Ano XIV – Vol. 14 – Nº 123 – 2017
ISSN 1807-0590 (impresso)
ISSN 2446-7650 (Online)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling

Conselho editorial: MS Ana Maria Casarotti; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; MS Jeferson Ferreira Rodrigues; Profa. Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Profa. Dra. Ana Maria Formoso, Pontificia Universidad Católica de Valparaíso, doutora em Educação; Prof. Dr. Christoph Theobald, Faculdade Jesuíta de Paris--Centre Sèvres, doutor em Teologia; Prof. Dr. Faustino Teixeira, UFJF-MG, doutor em Teologia; Prof. Dr. Felix Wilfred, Universidade de Madras, Índia, doutor em Teologia; Prof. Dr. Jose Maria Vigil, Associação Ecumênica de Teológos do Terceiro Mundo, Panamá, doutor em Educação; Prof. Dr. José Roque Junges, SJ, Unisinos, doutor em Teologia; Prof. Dr. Luiz Carlos Susin, PUCRS, doutor em Teologia; Profa. Dra. Maria Inês de Castro Millen, CES/ITASA-MG, doutora em Teologia; Prof. Dr. Peter Phan, Universidade Georgetown, Estados Unidos da América, doutor em Teologia; Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner, EST-RS, doutor em Teologia.

Responsáveis técnicos: Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; MS Jeferson Ferreira Rodrigues.

Revisão: Carla Bigliardi

Imagem da capa: Patrícia Kunrath Silva

Editoração: Gustavo Guedes Weber

Impressão: Impressos Portão

Cadernos teologia pública / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2004)- . – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2004- .

v.

Irregular, 2004-2013; Quinzenal (durante o ano letivo), 2014.

Publicado também on-line: <http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-teologia>.

Descrição baseada em: Ano 11, n. 84 (2014); última edição consultada: Ano 11, n. 83 (2014).

ISSN 1807-0590

1. Teologia 2. Religião. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 2

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

Solicita-se permuta/Exchange desired.
As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos Teologia Pública:
Programa Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo RS Brasil
Tel.: 51.3590 8213 – Fax: 51.3590 8467
Email: humanitas@unisinos.br

A sensibilidade religiosa de Thoreau

Edward F. Mooney
Syracuse University, Nova York, EUA

Walden é uma escritura sagrada não ortodoxa, modelado no *Bhagavad-Gita* e seus dezoito capítulos, sessões de ioga e caminhadas. Ele se vale do Cristianismo sem ir à igreja. Seu lago é um lugar para o Batismo – para purificação e renascimento. "O toque de Deus está em todo lugar. Os olhos não foram feitos para o uso rastejante que deles se faz e pelo qual se exaurem, mas para contemplar a beleza agora invisível. Podemos não ver Deus?"

Uma Orientação Religiosa

A prática religiosa de Thoreau é a reverência e devoção às coisas do espírito. Sua reverência é pelas coisas que estão impregnadas de espírito, encontradas aqui, em todo canto ao nosso redor. Ainda mais importante, sua prática é servir aos outros, em especial àqueles escravizados, que necessitam de auxílio ou são esquecidos. Ele vive os seus Paraísos e Infernos particulares, seu jeito de meditar e de permanecer imóvel. E ele vive seu próprio modo de enterrar seus familiares. Seu irmão John foi enterrado sem caixão em um pântano para que seus elementos pudessem retornar à natureza. Ele exulta na presença do sagrado por todos os lados – no rosto de um trabalhador, em revolucionários como John Brown, no chamado zombeteiro da mobelha no meio do lago, no sussurrar das árvores e nos campos desolados no topo do Monte Ktaadn.

Ele fala de Deus no singular, e de deuses no plural e do único Criador do Lago Walden. No entanto, mais importante do que Deus ou deuses é se ele – e nós – poderíamos viver em um mundo que era divino, encantado, paradisíaco: "Minha ação de graças é perpétua. [...] Oh, como eu sorrio quando penso nas minhas vagas e indefinidas riquezas"[1]. Uma sensibilidade religiosa vibrante informa o seu viver mais do que a crença ou doutrina.

Sem prévio aviso nossos mundos podem cambiar para dentro ou para fora dos Paraísos ou Infernos, tédios ou êxtases. Aceitar essas mudanças é parte da sensibilidade religiosa de Thoreau. Sua realidade política se transforma em um Inferno na Terra nos anos que antecedem a Guerra Civil. Ele acompanhou escravos fugindo para o Canadá. A "*underground railroad*"[2], os trilhos para liberdade, passavam por Concord. A estrada de ferro também tinha paradas em Portland, Maine e tantas outras cidades. Com a decisão do caso Dred Scott em 1857, tornou-se ilegal ajudar negros que fugiam para o Canadá. Ainda pior, a decisão compelia os cidadãos a auxiliar na sua captura no Norte. O poderoso ensaio de Thoreau "*Escravidão em Massachusetts*"[3] nasceu como uma oração de protesto. Ele se tornou um escravo da escravidão em Massachusetts. Ele não pode caminhar em paz. Caminhadas religiosas meditativas instilam quietude. Muito de suas caminhadas eram para observação científica, mas também eram uma prática espiritual. Após a decisão do caso Dred Scott, sua quietude é rompida pelo som dos disparos de rifles, dos caçadores de escravos nas matas. O Paraíso está devastado, mas o Inferno não tem a última palavra.

Thoreau é surpreendido, ele reporta em "*Escravidão em Massachusetts*", pelo doce aroma de um lírio do pântano. Ele traz a esperança de que a vida floresça apesar do total domínio – naquele momento – do mal. Thoreau renasce neste aroma. Apesar dos problemas que conduzem para a guerra, ele anseia por comunhão, amizade e comunidade. Por um momento ele se deixa

1 Cartas.

2 NT: nome que era dado no século XIX para a organização civil clandestina que auxiliava escravos fugitivos das plantações do Sul dos Estados Unidos a fugir para o Canadá. Thoreau e seus familiares eram membros ativos da organização.

3 NT: traduzido por José Augusto Drummond na coletânea *Desobedecendo*, Editora Rocco (1984).

levar pelo aroma do Paraíso. A sensibilidade religiosa de Thoreau é complexa e variada:

- ela é instruída pelos sofrimentos imediatos do Inferno e pelas alegrias do Paraíso;

- ela é alimentada pelo ensinamento do Evangelho de que se deve amar o próximo como a si mesmo;

- ela é balizada por uma apreciação mística da solidão e da meditação;

- ela abraça uma compreensão franciscana de simplicidade e acolhimento de todos os animais na celebração do Espírito Santo;

- ela é instruída por um sentido de imensa gratidão por tudo que se pode experimentar em vida, até mesmo as decepções;

- ela exclui qualquer ideia de ressurreição dos corpos e abraça um sentido de participação do corpo nos ciclos de renovação da natureza, mesmo após toda respiração cessar;

- ela inclui a certeza de que ao observar atentamente a natureza podemos ver Deus em primeira mão;

- ela exclui todo dogma ou sacramento fixado por credo;

- ela acolhe a reverência pelo dia a dia.

Thoreau demonstra afeição por um lenhador canadense sem instrução. Sua primeira publicação foi um obituário para uma viúva pobre que de outra feita teria morrido sem que isso fosse noticiado. Ele prega na comunidade e igualmente na igreja das águas e matas, da admiração e do espanto.

Seja interrompido por um lírio ou por um pôr do sol, há momentos nos quais algo toma de assalto. Pausamos em apreciação – em reverência. Aqui temos uma passagem escritural de *Walden*. É uma epifania às margens de um riacho:

> O tempo é apenas o rio em que vou pescando. Bebo nele; mas, enquanto tomo sua água, vejo o leito arenoso e percebo como é raso.[...] Eu beberia mais ao fundo; pescaria no firmamento, com o leito seixado de estrelas.[4]

Ele pesca no tempo – procura por um alegre sustento – e bebe do riacho. Seus olhos absortos por peixes – e então as estrelas refletem desde cima. Ele poderia beber mais ao fundo. Há sempre infinitamente mais para absorver.

4 *Walden,* p. 102. Editora L&PM, 2010. Tradução: Denise Bottmann.

"Pescaria no firmamento!" Aqui ele olha para o fundo de seixos do riacho para ver peixes e reflexos de estrelas mesclados nas águas correntes, um casamento de terra, céu, água, peixes e estrelas. Somos convidados a participar em uma aventura religiosa. "Venha! Vamos pescar nos céus estrelados, jogar nossas linhas para cima, na direção do firmamento (bem como para dentro do riacho)!" Ele então acrescenta, misteriosamente, "Não consigo contar nenhuma"[5]. E segreda: "Não conheço a primeira letra do alfabeto"[6].

Ele é atordoado pelas estrelas, de tal modo que não sabe por onde começar a contá-las – e não consegue nem mesmo contar uma, muito menos duas ou três. Alguém contagiado pela admiração não vê necessidade em arranjar as coisas em ordem alfabética ou numérica. Thoreau acrescenta como uma cadência final: "Sempre lamentei não ser tão sábio quanto no dia em que nasci"[7]. Cristo pede que nos transformemos em crianças pequenas. Thoreau nos pede para aceitar um dia de admiração antes da contagem e do letramento começar.

* * *

Thoreau traz a religião para o dia a dia e deixa de lado os debates daqueles que pretendem ter a mais clara compreensão de Deus ou dos deuses. A escritura sagrada deveria ampliar imaginativamente e poeticamente a nossa realidade. Por que empacotar a escritura sagrada com doutrinas e centenas de proibições sombrias? Ele vê Inferno onde nós preferimos desviar, e ele vê Paraísos onde nós preferimos permanecer cínicos. Um devaneio digno e benéfico – uma Visão Religiosa – nos oferece mundos maravilhosos no aqui e agora, mundos que perderíamos de outro modo.

Aqui temos outra passagem de *Walden* que se assemelha a uma escritura sagrada. É uma epifania não sobre um riacho, mas à margem do Lago Walden. É uma passagem do que ele denomina seu "Mais Novo Testamento", seu "Evangelho do momento presente". Ele se ajoelha à margem, como se estivesse orando:

"Ora, eis aqui o Walden, o mesmo lago em meio à mata que descobri tantos anos atrás."[8]

5 *Walden*, p. 102.
6 *Walden*, p. 102.
7 *Walden*, p. 102.
8 *Walden*, p. 186-7.

Ele está rememorando aquele momento em que era muito jovem – e muito sábio. A memória expande para transformar-se em um devaneio religioso e poético:

> ...é a mesma alegria e felicidade líquida para si e para seu Criador, ah, e quiçá para mim também. Certamente é a obra de um bravo [...] Ele arredondou essa água com a mão, deu-lhe profundidade e pureza no pensamento e legou-a em herança a Concord. Vejo na face de Walden que lhe ocorre a mesma reflexão; e quase posso perguntar: Walden, és tu?[9]

O lago atrai a alegria para si mesmo; ele abriga uma 'felicidade líquida' que é também a felicidade de seu Criador. Deus é um criador bem humorado que pode "excitar em nós uma pura alegria matutina"[10] e compartilhar essa alegria com o lago, a mesma alegria oferecida a Thoreau, ajoelhado em sua margem.

"Alegria e felicidade líquida" fluem por todo o lago, e fluem por seu Criador e pelo peregrino em sua margem. Temos uma trindade, três se tornam um.

"Alegria é a condição da vida", escreve Thoreau em uma das primeiras entradas de seu *Diário*. Alegria é também a condição da vida do Criador. Nos tornamos quem somos por meio das trocas com outros, por meio de olhares no dia a dia, expressões carrancudas e sorrisos de afirmação. Por intermédio da alegria nos tornamos quem somos – em meio a sorrisos entre amigos, entre mãe e filho, entre peregrino, criador e lago.

Se somos amados e estamos prontos para amar, ingressamos em um estado celestial de "alegria e felicidade líquida". "Ele arredondou essa água com a mão, deu-lhe profundidade e pureza no pensamento e legou-a em herança a Concord."

A dádiva da alegria conduz o peregrino, o lago e o Criador para um abraço mútuo. Em um momento de terno anseio, Thoreau suspira: "Walden, é você?". Ele é abraçado. "A pura alegria matutina" o abraça. Em toda escrita de Thoreau, essa epifania é uma das mais comoventes. Por vezes eu rio da sua inocência infantil. Não há nada forçado em sua confidência sobre as

9 *Walden*, p. 187.

10 NT: expressão utilizada por Thoreau no ensaio *Walking*. Existem várias traduções portuguesas e brasileiras para este texto. As mais recentes são *Caminhando*, traduzido por José Augusto Drummond na coletânea *Desobedecendo*, Editora Rocco (1984) e *Caminhando*, traduzido por Roberto Muggiati, Editora José Olympio (2006).

transformações. E eu não sou forçado a comprar seus devaneios de Comunhão, Batismo e Casamentos do Céu e da Terra. Não são doutrinas nas quais se vota contra ou a favor. Parecem-me devaneios encantadores, gentilmente assombrosos.

* * *

Eis uma passagem que não é de Thoreau, mas em seu espírito, Isaías 55:12:

"Pois com alegria saireis e em paz sereis guiados; os montes e os outeiros romperão em cânticos diante de vós e toda árvore de campo aplaudirá."

Aqui temos outra impressionante confidência de Thoreau:

> Ao mesmo tempo em que queremos explorar e aprender todas as coisas, esperamos que todas as coisas sejam misteriosas e inexploráveis, que a terra e o mar sejam infinitamente selvagens, imapeados e insondados porque insondáveis.[11]

Mesmo sem saber, há muitos registros de encontro do insondável. Em uma praia batida por ondas ou no cume do Monte Ktaadn, Thoreau encontra um *sublime, desconhecido e ameaçador.* Essa não é a atmosfera benigna na qual ele poderia ter "anseio de banhar a cabeça".[12] Aqui Thoreau comenta sobre o sublime ameaçador:

> Precisamos nos restaurar à vista do vigor inexaurível, dos traços imensos e titânicos, do litoral com seus destroços, do agreste com suas árvores vivas e suas árvores decadentes, da nuvem trovejante, da chuva que se prolonga por três semanas e traz enchentes.[13]

Essa é uma antecipação das cenas do agreste em uma escala 'titânica' que ele reconta em *Cape Cod*[14] e em seu relato do caos no topo do Monte Ktaadn. "Precisamos ver transgredidos nossos próprios limites, e alguma vida pastando livremente onde nunca pisamos."[15] No mais das vezes em *Walden* ele abafa o pior do agreste da Natureza e ameniza o caos.

Thoreau também pode encontrar o desconhecido – perante o qual ficamos perplexos e ignorantes até mesmo das coisas simples. "A mais rasa das águas

11 *Walden*, p. 300.

12 Expressão retirada do ensaio *Walking*.

13 *Walden*, p. 300.

14 NT: não existe tradução completa dessa obra para o português. O primeiro capítulo foi traduzido por Aydano Arruda na coletânea *Escritos selecionados sobre natureza e liberdade* da Editora Ibrasa (1964).

15 *Walden,* p. 300.

paradas é insondável."[16] A criança pode se maravilhar indefinidamente com simples reflexos na água.

Há o sublime ameaçador e o sublime diminuto (o sublime nas pequenas coisas). E então há um sublime intermediário que se parece com um sonho. Em seu ensaio '*Walking*', Thoreau privilegia momentos delicados quando o sol dissolve a neblina, revelando maravilhas. Nos tornamos uma 'criança da neblina', com acesso a 'mais coisas do que sonhamos' em uma vida comum na cidade. Ele exclama, em uma espécie de êxtase, "Vivei livre, filho da neblina – e com respeito ao saber somos todos filhos da neblina."[17]

Nos movimentos finais de '*Walking*', Thoreau visita a Fazenda Spaulding, onde ele permite que o devaneio se estabeleça. Ele ouve deuses brincando, gargalhando e sussurrando. Este é um tipo de 'visão enevoada', 'perdido em devaneios'.[18]

Braços dados, abandonamos o conhecimento ordinário da cidade, permanecendo no desconhecimento e na revelação. Recuperamos "a pura sensação de ser [...] a simples alegria de existir, a alegria que permeia toda a infância."[19] Thoreau havia dito, "com certeza a alegria é a condição da vida."[20] Aqui nós procuramos o cantor "que pode excitar em nós a pura alegria matutina."[21] A inocência infantil e visões de salvação estão conectadas na exortação bíblica: "Em verdade vos digo que se não vos converterdes e não vos fizerdes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus."[22] Também para Nietzsche, não podemos fazer melhor do que nos transformar em crianças inocentes, brincando perto do mar.[23] As crianças mantêm um ubíquo sentido de surpresa. Elas podem viver encantadas a nos fazer recordar o quão pouco sabemos. Thoreau pede que nos sintonizemos com o que nos convida ao encantamento:

16 *Uma Semana nos Rios Concord e Merrimack*.
17 *Walking*.
18 *Walden, Os Lagos*, p. 185.

19 Gros, Frédéric, *A Philosophy of Walking*, Verso, 2014, p. 83. NT: publicado no Brasil pela É Realizações Editora com o título *Caminhar, uma filosofia* (2011).
20 "*The Natural History of Massachusetts*". NT: não há tradução para o português.
21 *Walking*.
22 Mateus 18:3.
23 Friedrich Nietzsche, *Thus Spoke Zarathustra*, trans Graham Parkes (Oxford: Oxford UP, 2005) "Of the Three Transformations," p. 24. NT: *Assim falou Zaratustra*, com diferentes edições disponíveis no mercado brasileiro.

> Confio que seremos mais imaginativos, que nossos pensamentos serão mais claros, frescos e mais etéreos, como os nossos céus – nosso entendimento, mais compreensivo e amplo, como nossas planícies – nosso intelecto, geralmente em uma escala maior, como nosso trovão e relâmpago, nossos rios, montanhas e florestas – e nossos corações hão de corresponder em extensão, profundidade e grandeza aos nossos mares interiores.[24]

Eu posso compreender – capturar – qualquer quantidade de conhecimento ordinário. Mas quando se trata de encantamentos e revelações, eu não os possuo mas sou alegremente possuído. Sou compreendido, capturado, tomado. Sou varrido do porto seguro da insularidade, individuação, separação e conhecimento ordinário.

Me tem sido ofertado um relance ou breve cadência de luz que emana dessa coisa particular, do mundo, contudo não do mundo como um todo. Estou mergulhado em ignorância, e sou abençoado com a luminosidade de um desabrochar, do canto de uma coruja, de uma nesga da luz da manhã. E também, mergulhado no desconhecimento. Como chega essa dádiva? O que transpira no ato de oferecê-la? Como foi que perdi o sentido ordinário de mim mesmo como autônomo e seguro? Não tenho nem mesmo uma pista!

Estou extasiado, fora de mim. O movimento e a maravilha da neve me acossam, me jogam, sem eu saber, em sua ressonância e sedução. Qualquer porção de conhecimento, digamos a exata profundidade da neve, pode ser um portal para o espanto, uma revelação que inspira a vida intensa. Revelações podem aportar como 'devaneios apropriados', momentos nos quais o transcendente não é nada senão imanente, o encantamento acontece no cotidiano, e o sagrado está sempre aqui ao alcance da mão.

Mesmo que explorasse durante 70 anos, nunca extraviando-se para muito longe de casa, Thoreau diz, paradoxalmente, que mesmo assim não conheceria os seus arredores[25]. "A natureza é uma personalidade tão vasta e universal que jamais vimos uma de suas características."[26] O estranho não se atenua. Os encantamentos nunca cessam. Deveríamos querer observar a natureza totalmente compreendida, de-

24 *Walking.*

25 *Walking.*
26 *Walking.*

sencantada? Moisés se recusou a olhar para Jeová. Desejar observar a natureza desvelada é imprudente ou indecente? Em qualquer caso, isso é impossível. Nós aceitamos o que é para sempre insondável. Nós apreciamos suas reservas de admiração e surpresa. Ele coloca de forma sucinta:

> Os olhos não foram feitos para o uso rastejante que deles se faz e pelo qual se exaurem, mas para contemplar a beleza agora invisível. Podemos não ver Deus?[27]

Thoreau cultiva uma sensibilidade que é, ao mesmo tempo, prática, moral, estética, religiosa e política – uma visão que não suporta a compartimentalização acadêmica ou cotidiana. Ele confia em imagens, representações, cenários, aforismos, devaneios e narrativas que apresentam o aspecto selvagem de nossos pensamentos (e mundos) como um maravilhamento indomado – por vezes como um vislumbre de terror – por vezes como um momento de aquietamento na serenidade. Aceitar o 'novo testamento do momento presente' é aprender a viver com realidades cambiantes em tempos problemáticos, à deriva.

27 *Uma Semana nos Rios Concord e Merrimack*.

Novas Alturas e Profundezas

No cume do Ktaadn, Thoreau é despido de sua dignidade.[28] O lugar é inóspito, inumano. Ele é jogado na oficina do caos, entre deidades monstruosas. Ele poderia olhar para fora, para outro lugar, mas o nevoeiro o envolve. Não há princípios ou tábuas da lei para encontrar por lá – apenas um espaço inumano, aterrador, sem escala humana. Nem o mundo, nem quem observa podem estar sãos. O lugar é lugar algum – desorientador, eviscerante, separa corpo e alma. Thoreau nos diz que seu espírito escapa por entre as costelas. Ele grita: "Contato! Contato! Quem somos? Onde estamos?"[29] Isto é uma evisceração espiritual – até mesmo religiosa. Mas em retrospectiva, os piores momentos nos recordam do melhor.

Uma sensibilidade religiosa tem lugar para o selvagem eviscerante e para o selvagem das tempestades e costas marítimas. Pense no Redemoinho no Livro de Jó. Thoreau também pode encontrar o aspecto selvagem

28 *Ktaadn*. NT: capítulo de *The Maine Woods*, sem tradução no Brasil. Existe apenas uma tradução do capítulo *Os lagos Allegash* feita por E.C.Caldas pela Editora Revista Branca (1953).

29 *Ktaadn*.

não somente em localidades montanhosas ou costeiras específicas. Lembremos de seu lema: "Naquilo que é selvagem está a preservação do mundo"[30]. Ele poderia ter dito, aplicando um tom religioso: "Naquilo que é selvagem está a preservação da criação." A declaração vem de '*Walking*':

> O Oeste de que falo é tão somente outro nome para o que é selvagem, e o que venho me preparando para dizer é que naquilo que é selvagem está a preservação do mundo. Cada árvore envia suas fibras na busca do que é selvagem. As cidades o importam a qualquer preço. Os homens aram a terra e navegam por isso. É da floresta e do agreste que provêm os tônicos e as cascas de árvore que fortalecem a humanidade.[31]

Me impressiona que Thoreau possa encontrar o selvagem não somente na natureza incivilizada, mas também no coração das cidades: "O selvagem é algo que as cidades importam e que buscam as raízes das árvores". E é algo ('tônicos e cascas de árvore') que as farmácias engarrafam para nossa saúde. Isto apresenta matizes religiosos, salvacionistas. É claro, Cristo e os profetas bíblicos passam dias e semanas no agreste. Thoreau inicialmente alude ao 'Oeste', a região que os cidadãos estavam começando a habitar, o Centro-Oeste, os Estados Montanhosos e a Costa Oeste. Mas Thoreau alude ao "Oeste" como um horizonte indistinto para descobertas, o espelho de um nascer do sol a Leste. Ele não defende a expansão para o Oeste. "*Desobediência Civil*' protesta contra a expansão para o Oeste. Muito das caminhadas meditativas de Thoreau se dão em Concord e arredores. Diferente de Emerson, ele nunca viajou para a Califórnia ou mesmo para as Grandes Planícies. Sua viagem consiste em permanecer cada vez mais próximo do paraíso que é aqui. As Rochosas e o Pacífico não o preocupam. Sua sensibilidade é do aqui e do agora – o aqui de Concord, New Hampshire e do Maine.

Nietzsche achou que o selvagem e a serenidade eram centrais para a sensibilidade religiosa grega. Ele contrasta dois deuses, um bem comportado Apolo e

30 NT: no original: "*... in Wildness is the preservation of the world.*" A expressão '*Wildness*' é traduzida de diferentes modos nas edições em português que foram consultadas. Encontramos 'rusticidade', 'dimensão selvagem', 'Selva', 'Natureza' etc. Em razão da profunda divergência, optamos por uma solução mais direta e literal mesmo que sacrificando a concisão: '(n)aquilo que é selvagem'.

31 *Walking*.

um Dionísio embriagado[32]. Em *Walden*, algumas décadas antes, Thoreau bem poderia ter mencionado Apolo e Dionísio:

> Eu encontrava, e ainda encontro, em mim um instinto para uma vida mais elevada [...] e um outro instinto para um nível mais primitivo e a vida selvagem, e reverencio ambos. Amo o bom como amo o feroz.[33]

O apelo do dionisíaco é evidente em *Ktaadn*, onde ouvimos Thoreau gritar, com um temor pouco característico: "Contato! Contato! Quem somos? Onde estamos?" Kierkegaard chama de tontura ou ansiedade a esse ataque violento e espantoso voo da existência. Ele o coloca, como Thoreau, em uma escuridão anterior ao nascimento do mundo[34].

Não há nenhum sentido do humano ou mesmo da vida – apenas pedregulhos, precariamente equilibrados, como párias jogados ao acaso e prontos para despencar. Ele é aterrado pela visão de "alguma extremidade desfeita do globo".[35] Este não é mais o conforto arborizado ou a serenidade do lago ou da campina. "Alguma parte vital" dele "escapa pelo gradeado frouxo de suas costelas"[36]. *Ktaadn* apresenta a criação inacabada, inabitável, muito diferente das auroras que ele narra em *Walden*. Mundos, que de outra forma seriam murchos ou enfadonhos, podem renascer por meio das amplas percepções poéticas de Thoreau, capturadas em sentenças simples ou em extensos e ajustados devaneios. Ele busca os restos do naufrágio do barco de sua amiga, Margaret Fuller. O lugar de seus ossos é, a princípio, um lugar de negro pesar e luto; no entanto, um rebento aparece na areia para se transformar em um mastro de navio e depois em um enrugado montículo de pedras, mantendo seu reinado e majestade. Um lugar que, de outra sorte, evocaria a morte, é redirecionado para a luminosidade da aurora. "Seus ossos es-

32 *O Nascimento da Tragédia*.

33 *Walden, Leis Superiores*, p. 203. Nos é oferecida uma representação grosseiramente cômica - como se Thoreau ao devorar uma marmota estivesse ingerindo aquilo que é selvagem em si mesmo, tornando-se ainda mais selvagem. Comer pode também domá-lo ou submetê-lo. Mais adiante em '*Leis Superiores*', o selvagem parece bater em retirada. Thoreau brinca com ambos os instintos, o apolíneo e o dionisíaco. Isso espelha Nietzsche, para quem o drama trágico requer o reinado de ambas as divindades.

34 Ver *The Concept of Anxiety*, tradução e edição de Reidar Thomte (Princeton: Princeton University Press, 1980). NT: *O Conceito de Angústia*, tradução Álvaro Valls, Vozes (2010).

35 *Ktaadn*.

36 *Ktaadn*.

tavam sozinhos com a praia e o mar, cujo bramido me parecia se dirigir a eles [...] como se houvesse um entendimento entre eles e o oceano que necessariamente me deixava de fora."[37] Ela comunga com a rebentação infinita; Thoreau comunga com ela. O tempo que eles habitam prolonga-se até a eternidade.

Podemos lembrar Thoreau olhando para os céus em sua canoa, "deitado de costas e de comprido nos bancos [...] perdido em devaneios"[38]. Este é um momento do 'sublime diminuto'. Rousseau também devaneia: ele deita em sua canoa, no meio do lago, e olha para cima para encontrar um relance do 'infinito'[39]. O sublime indomado é uma fonte de vida que podemos acessar imediatamente, pré-verbalmente ou pela comunicação linguística. Esta experiência, depois de arranjada linguisticamente, pode ser amplificada para as famílias, tribos e coletivos. A linguagem não é uma reserva privada.

Thoreau nos leva para campos de palavras (enquanto lemos) que em rodízio cantam os campos de Concord ou do Maine (e nós ouvimos por acaso). Ele nos mantém entre coisas brilhantes e coisas austeras, nos salvando da sombra e do colapso. Para que trovões esfreguem meu mundo para limpá-lo com um estrondo é preciso ter os ouvidos sintonizados. Não posso ser surdo, ou estar absorto demais para perceber o que os céus devem prover em bramidos. Os portais para o trovão ou o barulho dos sapos permitem que o brilho e o ornamento nos cheguem a partir do mundo. Criam uma obrigação para a audição. O ouvido dá poder ao trovão e o trovão molda poderosamente o ouvido. Os contatos transformam em duas direções. Thoreau é moldado pela chegada da canção de um pássaro e o mundo fica mais rico na medida em que seu ouvido é moldado. Ao aprender a escutar, o mundo renasce.

Thoreau possui enorme capacidade para a tradução imaginativa, uma capacidade para transfigurações líricas que em troca transformam a nossa própria imaginação. Ktaadn se torna um posto avançado dos deuses. Os ossos de Fuller se tornam relíquias. John Brown aparece como um meteoro. Esses são rejuvenescimentos e amplificações de percepções outrora prosaicas. Por meio dessas percepções incomuns, Ktaadn, Fuller e Brown são salvos do lixo das caixas de arquivo.

37 *Cape Cod.*
38 *Walden, Os Lagos*, p. 185.
39 *Devaneios de um caminhante solitário. Quinta caminhada.*

Ortega chama esses esforços de 'ensaios de amor intelectual', ensaios que operam 'salvamentos'[40]. Efetuar 'salvamentos' por meio da tradução poética implica em riscos. Nos é pedido para acreditar que os ossos de Fuller estão em comunhão com o mar, e para acreditar que grande parte dos habitantes da cidade ainda não aprenderam a caminhar, para não dizer que não aprenderam a viver ou morrer. Estes pronunciamentos destroem a credibilidade de Thoreau? Talvez eles nos mantêm acordados, nos alertam para zonas anômalas nas quais brincam a vida e a morte. Para mim, estas formulações surpreendentes não são nem uma fantasia passageira, nem uma gambiarra conceitual.

40 Ortega chama suas '*Meditações do Quixote*' de 'ensaios de amor intelectual'. Como ele coloca: "[esses ensaios] não possuem valor informativo algum; também não são sumários - ao contrário, são aquilo que os humanistas do século dezessete teriam chamado de 'salvamentos'". Veja minha discussão em *Lost Intimacy in American Thought: Personal Philosophy from Thoreau to Cavell* (New York: Continuum, 2009), capítulo 1.

Simpatia, Inteligência, Encantamentos, Deuses

De um jeito ou de outro, as traduções poéticas de Thoreau me direcionam para a realidade, em contatos que amplificam e transfiguram nosso registro da realidade em outro registro que o sucede. A seu modo, tal mudança me parece misteriosamente inevitável.

Considere o devaneio de Thoreau na Fazenda Spaulding. Ele ocorre logo após sua confissão de que aprecia o conhecimento, mas aprecia ainda mais "Simpatia com Inteligência'. Em Walden ele cita os Vedas: "Todas as inteligências despertam com a manhã".[41] Na fazenda ele encontra o zumbido dos deuses pensando nos pinheiros e ouve suas gentis gargalhadas. Talvez elas sejam as Inteligências, o 'néctar divino' que absorve nossa simpatia em comunhão.[42] Presenças, deuses ou inteligências ultrapassam a mera característica física dos objetos.

A presença de algo não é um objeto, nem uma propriedade, e também não é uma 'mera projeção subjetiva'. Presenças – a voz do rio, a loucura da mobelha, o

41 *Walden, Onde e para que vivi*, p. 94.

42 Ver meu ensaio "*Thoreau on 'Sympathy with Intelligence*'", Concord Saunterer, 2017.

poder do crepúsculo, o néctar dos deuses – são iluminações que emanam das coisas e, em troca, animam-nas. Uma segunda pista para o que Thoreau quer dizer com essa aspiração 'menos intermitente' é sua observação de que os deuses ou inteligências que habitam nas colinas da Fazenda Spaulding encantam o lugar. Eles atravessam a neblina para levantar os fardos do mundo e aparecem especialmente ao amanhecer.

Inteligências surgem ao amanhecer para despertar a região com a bravata de um galo da aurora? Thoreau celebra os encantamentos que os deuses oferecem: a luminosidade das estrelas e dos falcões, a refulgência da terra e das plantas orgânicas, ele glorifica a 'vida vegetal' e sua própria posição em tal vida. Isso dá um terceiro acesso à sua inicialmente obscura veneração, seu abraço de 'Simpatia com Inteligência'. Ele pergunta: "E como eu não me entenderia com a terra? Não sou também, parcialmente, folha e húmus?"[43] Ter entendimento com a terra é participar de seu esplendor, de seu poder para falar e encantar. Embora parcialmente húmus, meu corpo participa da inteligência e a revela.

Concord aparece maculada, perdendo os encantos que teria tido para Lucrécio, que poderia nos dar uma cosmologia em versos, ou para Homero, cujos deuses animaram mares e planícies e a vida doméstica, ou para qualquer um que recitou o *Gita*, onde deuses poderiam ser animais, e animais, deuses, e onde os deuses saturam a vida diária. Concord perdeu os encantos que foram apreciados pelos seus primeiros habitantes, agora extintos, que viam espíritos nos céus e nos pássaros.[44] Mesmo a comunidade biótica perde o encanto quando frutos são vendidos para os mercados, ou árvores são continuamente abatidas, meros produtos. Ele compartilha seu devaneio de deuses na Fazenda Spaulding como compensação por essas perdas.

A ciência de Galileu despiu a Natureza de propósito e magia, até mesmo de vida: uma máquina bem desenhada, bem lubrificada, não está viva. Para Galileu, a terra, as plantas e o mofo são átomos mori-

43 *Walden, Solidão,* p. 137. Alteramos a tradução brasileira que estamos usando como parâmetro para incluir 'parcialmente' na frase, respeitando o original e deixando mais clara a menção posterior no texto.

44 Thoreau lamenta a 'extinção' dos primeiros moradores de Concord em '*Uma Semana nos Rios Concord e Merrimack*'.

bundos em movimento. A teologia cristã baniu os deuses pagãos das colinas e riachos onde eles brincavam e conspiravam. O capitalismo emergente transforma a Natureza em um recurso disponível para exploração e venda. As pessoas comuns em uma cultura administrativa e burocrática perdem o sentido de um 'deus interior'. Em um meio social de manufatura, como Thoreau o descreve, as pessoas "se tornaram os instrumentos de seus instrumentos"[45]. Você não precisa ser selvagemente romântico, sonhadoramente nostálgico ou um pan-psíquico em gestação para pensar que o extravio dos encantamentos traz consequências desastrosas não apenas para o habitat, mas também para nós que o habitamos.

Para reequilibrar, Thoreau anda suavemente, alegremente, a desvelar uma Natureza onde deuses podem aparecer e desaparecer na neblina, e onde um velho 'Criador' poderia gentilmente remover Walden com a palma de sua mão. (O equipamento pesado permanece no quintal). Os bancos de areia na Natureza são vivos e orgânicos[46], e um gavião oferece um momento etéreo, subindo e descendo para então subir novamente.[47] Ele nasce de um ovo aninhado na fresta de uma nuvem. O reencantamento significa soprar as cinzas da simpatia e da imaginação, permitindo que os deuses ou as inteligências falem.

Conhecimento, imaginação e simpatia são essenciais para uma vida completa. Cada um deles foca em um aspecto do mundo. O conhecimento é uma técnica poderosa de observação distante, controle experimental e produção de teorias abstratas. O mundo é feito de objetos, suas propriedades e as leis que descrevem os seus movimentos. A imaginação permite a presença e o encantamento no mundo.

Nós conseguimos ouvir árvores sussurrantes, tremer com os encantamentos da Fazenda Spaulding, ver o Criador de Walden, ou um gavião que faz um ninho em uma "nuvem escarpada"[48]. Com tudo isso nós temos a mais profunda simpatia. Quando se trata de conhecimento, Thoreau segreda, somos todos "crianças da neblina". A imaginação não os habilita a um novo conhecimento, mas a uma posição de desconhe-

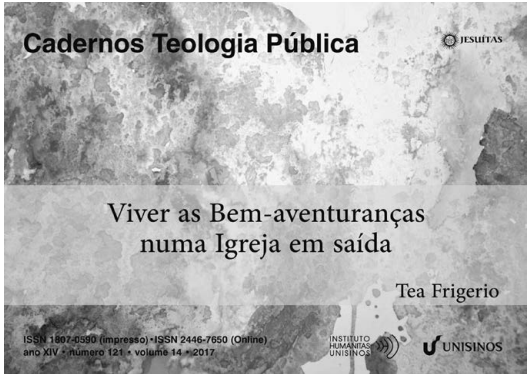
45 *Walden, Economia,* p. 47.
46 *Walden, Primavera* p. 289
47 *Walden, Primavera* p. 299.
48 *Walden, Primavera*, p. 299.

cimento. A neblina oculta e revela. Podemos traçar a diferença entre ocultamento e revelação com a plena confiança do conhecimento. Os deuses ligeiramente ocultam as construções e a botânica da Fazenda Spaulding, mas eles revelam para a imaginação a presença de camadas míticas de encantamentos. Simpatizar com as animadoras canções da vida – as canções de Thoreau, as canções que moldam sua sensibilidade religiosa – é recusar-se a reter a vida a distância, apenas em teoria. É cantar ressoando com a Natureza. É afirmar suas canções filosóficas participando delas. ■

Publicações do Instituto Humanitas Unisinos

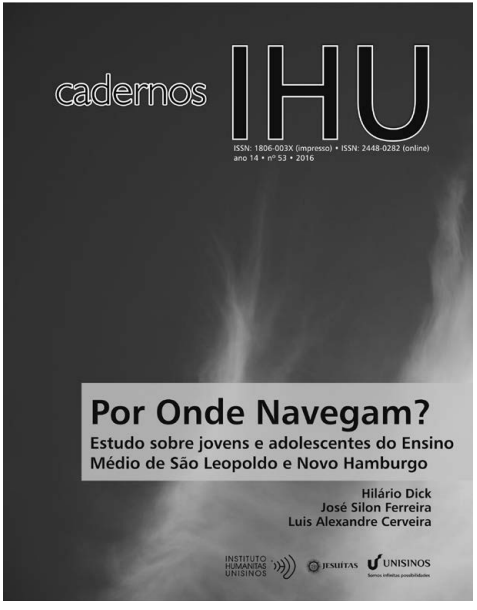
Nº 48 – Mineração e o impulso à desigualdade: impactos ambientais e sociais

Cadernos IHU em formação é uma publicação do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que reúne entrevistas e artigos sobre o mesmo tema, já divulgados na revista ***IHU On-Line*** e nos **Cadernos IHU ideias**. Desse modo, queremos facilitar a discussão na academia e fora dela, sobre temas considerados de fronteira, relacionados com a ética, o trabalho, a teologia pública, a filosofia, a política, a economia, a literatura, os movimentos sociais etc., que caracterizam o Instituto Humanitas Unisinos – IHU.



Nº 121 – *Viver as Bem-aventuranças numa Igreja em saída* – Tea Frigerio

A publicação dos **Cadernos Teologia Pública,** sob a responsabilidade do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, quer ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A Teologia Pública busca articular a reflexão teológica em diálogo com as ciências, as culturas e as religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Procura-se, assim, a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade hoje, especialmente a exclusão socioeconômica de imensas camadas da população, constituem o horizonte da teologia pública. Os **Cadernos Teologia Pública** se inscrevem nesta perspectiva.



Nº 53 – *Por onde navegam? Estudo sobre jovens e adolescentes do Ensino Médio de São Leopoldo e Novo Hamburgo* – Hilário Dick, José Silon Ferreira e Luis Alexandre Cerveira

Os **Cadernos IHU** divulgam pesquisas produzidas por professores/pesquisadores e por alunos dos cursos de Pós-Graduação, bem como trabalhos de conclusão de acadêmicos dos cursos de Graduação. Os artigos publicados abordam os temas sobre ética, sociedade sustentável, trabalho, gênero e teologia pública, que correspondem aos eixos do Instituto Humanitas Unisinos – IHU.

Nº 258 – *O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder* - Rodrigo Karmy Bolton

Os **Cadernos IHU ideias** apresentam artigos produzidos pelos convidados-palestrantes dos eventos promovidos pelo IHU. A diversidade dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é um dado a ser destacado nesta publicação.

Cadernos Teologia Pública

N. 1 *Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI – Johan Konings, SJ*
N. 2 *Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista* – Maria Clara Bingemer
N. 3 *A Teologia e a Origem da Universidade* – Martin N. Dreher
N. 4 *No Quarentenário da Lumen Gentium* – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM
N. 5 *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner* – Érico João Hammes
N. 6 *Teologia e Diálogo Inter-Religioso* – Cleusa Maria Andreatta
N. 7 *Transformações recentes e prospectivas de futuro para a ética teológica* – José Roque Junges, SJ
N. 8 *Teologia e literatura: profetismo secular em "Vidas Secas", de Graciliano Ramos* – Carlos Ribeiro Caldas Filho
N. 9 *Diálogo inter-religioso: Dos "cristãos anônimos" às teologias das religiões* – Rudolf Eduard von Sinner
N. 10 *O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso* – Michael Amaladoss, SJ
N. 11 *A teologia em situação de pós-modernidade* – Geraldo Luiz De Mori, SJ
N. 12 *Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema* – Pedro Gilberto Gomes, SJ
N. 13 *Teologia e Ciências Sociais* – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
N. 14 *Teologia e Bioética* – Santiago Roldán García
N. 15 *Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos* – David Eduardo Lara Corredor
N. 16 *Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento* – João Batista Libânio, SJ
N. 17 *Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
N. 18 *Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II* – Paulo Suess
N. 19 *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 1ª parte – Manfred Zeuch
N. 20 *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 2ª parte – Manfred Zeuch
N. 21 *Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo* – Karl-Josef Kuschel
N. 22 *Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs* – Jacques Arnould
N. 23 *Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
N. 24 *O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica* – Walter Ferreira Salles
N. 25 *A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II* – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
N. 26 *Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski* – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
N. 27 *Música e Teologia em Johann Sebastian Bach* – Christoph Theobald
N. 28 *Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas* – Karl-Josef Kuschel
N. 29 *Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino* – Ana María Formoso
N. 30 *Espiritualidade e respeito à diversidade* – Juan José Tamayo-Acosta
N. 31 *A moral após o individualismo: a anarquia dos valores* – Paul Valadier

N. 32 *Ética, alteridade e transcendência* – Nilo Ribeiro Junior
N. 33 *Religiões mundiais e Ethos Mundial* – Hans Küng
N. 34 *O Deus vivo nas vozes das mulheres* – Elisabeth A. Johnson
N. 35 *Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica* – Vitor Hugo Mendes
N. 36 *Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois* – Joseph Comblin
N. 37 *Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla* – João Batista Libânio
N. 38 *O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas* – Peter C. Phan
N. 39 *Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo* – Paulo Suess
N. 40 *Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha* – Benedito Ferraro
N. 41 *Espiritualidade cristã na pós-modernidade* – Ildo Perondi
N. 42 *Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta* – Ildo Perondi
N. 43 *A Cristologia das Conferências do Celam* – Vanildo Luiz Zugno
N. 44 *A origem da vida* – Hans Küng
N. 45 *Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga* – Maria Cristina Giani
N. 46 *Ciência e Espiritualidade* – Jean-Michel Maldamé
N. 47 *Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana* – Antônio Cechin
N. 48 *Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff* – Águeda Bichels
N. 49 *Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos* – Karl-Josef Kuschel
N. 50 *"Ite, missa est!": A Eucaristia como compromisso para a missão* – Cesare Giraudo, SJ
N. 51 *O Deus vivo em perspectiva cósmica* – Elizabeth A. Johnson
N. 52 *Eucaristia e Ecologia* – Denis Edwards
N. 53 *Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje* – José A. Zamora
N. 54 *Mater et Magistra – 50 Anos* – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo
N. 55 *São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I* – Daniel Marguerat
N. 56 *Igreja Introvertida: Dossiê sobre o Motu Proprio "Summorum Pontificum"* – Andrea Grillo
N. 57 *Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã* – Elizabeth A. Johnson
N. 58 *As narrativas de Deus numa sociedadepós-metafísica: O cristianismo como estilo* – Christoph Theobald
N. 59 *Deus e a criação em uma era científica* – William R. Stoeger
N. 60 *Razão e fé em tempos de pós-modernidade* – Franklin Leopoldo e Silva
N. 61 *Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura* – Karl-Josef Kuschel
N. 62 *Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição* – Luigi Perissinotto
N. 63 *A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico* – Felix Wilfred
N. 64 *Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea* – François Euvé
N. 65 *O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade* – Marco Lucchesi
N. 66 *Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno* – Mary E. Hunt
N. 67 *Silêncio do deserto, silêncio de Deus* – Alexander Nava
N. 68 *Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites* – Jean-Louis Schlegel
N. 69 *(Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual* – Degislando Nóbrega de Lima
N. 70 *Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet* – Moisés Sbardelotto
N. 71 *Rumo a uma nova configuração eclesial* – Mario de França Miranda
N. 72 *Crise da racionalidade, crise da religião* – Paul Valadier
N. 73 *O Mistério da Igreja na era das mídias digitais* – Antonio Spadaro
N. 74 *O seguimento de Cristo numa era científica* – Roger Haight

N. 75 *O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa* – Peter C. Phan
N. 76 *50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro* – José Maria Vigil
N. 77 *As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma "gramática gerativa" das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja* – Christoph Theobald
N. 78 *As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã* – George V. Coyne
N. 79 *Papa Francisco no Brasil – alguns olhares*
N. 80 *A fraternidade nas narrativas do Gênesis: Dificuldades e possibilidades* – André Wénin
N. 81 *Há 50 anos houve um concílio...: significado do Vaticano II* – Victor Codina
N. 82 *O lugar da mulher nos escritos de Paulo* – Eduardo de la Serna
N. 83 *A Providência dos Profetas: uma Leitura da Doutrina da Ação Divina na Bíblia Hebraica a partir de Abraham Joshua Heschel* – Élcio Verçosa Filho
N. 84 *O desencantamento da experiência religiosa contemporânea em* House*: "creia no que quiser, mas não seja idiota"* – Renato Ferreira Machado
N. 85 *Interpretações polissêmicas: um balanço sobre a Teologia da Libertação na produção acadêmica* – Alexandra Lima da Silva & Rhaissa Marques Botelho Lobo
N. 86 *Diálogo inter-religioso: 50 anos após o Vaticano II* – Peter C. Phan
N. 87 *O feminino no Gênesis: A partir de Gn 2,18-25* – André Wénin
N. 88 *Política e perversão: Paulo segundo Žižek* – Adam Kotsko
N. 89 *O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus. Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39* – Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Arthur Dreher
N. 90 *A espiritualidade humanística do Vaticano II: Uma redefinição do que um concílio deveria fazer* – John W. O'Malley
N. 91 *Religiões brasileiras no exterior e missão reversa* – Vol. 1 – Alberto Groisman, Alejandro Frigerio, Brenda Carranza, Carmen Sílvia Rial, Cristina Rocha, Manuel A. Vásquez e Ushi Arakaki
N. 92 *A revelação da "morte de Deus" e a teologia materialista de Slavoj Žižek* – Adam Kotsko
N. 93 *O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas* – José Oscar Beozzo
N. 94 *Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco* – John O'Malley
N. 95 *"Gaudium et Spes" 50 anos depois: seu sentido para uma Igreja aprendente* – Massimo Faggioli
N. 96 *As potencialidades de futuro da Constituição Pastoral* Gaudium et spes*: por uma fé que sabe interpretar o que advém – Aspectos epistemológicos e constelações atuais* – Christoph Theobald
N. 97 *500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas* – Vítor Westhelle
N. 98 *O Concílio Vaticano II e o* aggiornamento *da Igreja – No centro da experiência:a liturgia, uma leitura contextual da Escritura e o diálogo* – Gilles Routhier
N. 99 *Pensar o humano em diálogo crítico com a Constituição* Gaudium et Spes – Geraldo Luiz De Mori
N. 100 *O Vaticano II e a Escatologia Cristã: Ensaio a partir de leitura teológico-pastoral da Gaudium et Spes* – Afonso Murad
N. 101 *Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo* – Elias Wolff
N. 102 *A Constituição Dogmática* Dei Verbum *e o Concílio Vaticano II* – Flávio Martinez de Oliveira
N. 103 *O pacto das catacumbas e a Igreja dos pobres hoje!* – Emerson Sbardelotti Tavares
N. 104 *A exortação apostólica* Evangelii Gaudium: *Esboço de uma interpretação original do Concílio Vaticano II* – Christoph Theobald
N. 105 *Misericórdia, Amor, Bondade: A Misericórdia que Deus quer* – Ney Brasil Pereira
N. 106 *Eclesialidade, Novas Comunidades e Concílio Vaticano II: As Novas Comunidades como uma forma de autorrealização da Igreja* – Rejane Maria Dias de Castro Bins

N. 107 *O Vaticano II e a inserção de categorias históricas na teologia* – Antonio Manzatto
N. 108 *Morte como descanso eterno* – Luís Inacio João Stadelmann
N. 109 *Cuidado da Criação e Justiça Ecológica-Climática. Uma perspectiva teológica e ecumênica* – Guillermo Kerber
N. 110 *A Encíclica Laudato Si' e os animais* - Gilmar Zampieri
N. 111 *O vínculo conjugal na sociedade aberta. Repensamentos à luz de* Dignitatis Humanae *e* Amoris Laetitia – Andrea Grillo
N. 112 *O ensino social da Igreja segundo o Papa Francisco* – Christoph Theobald
N. 113 *Lutero, Justiça Social e Poder Político: Aproximações teológicas a partir de alguns de seus escritos* – Roberto E. Zwetsch
N. 114 Laudato Si', *o pensamento de Morin e a complexidade da realidade* – Giuseppe Fumarco
N. 115 *A condição paradoxal do perdão e da misericórdia. Desdobramentos éticos e implicações políticas* – Castor Bartolomé Ruiz
N. 116 *A Igreja em um contexto de "Reforma digital": rumo a um sensus fidelium digitalis?* Moisés Sbardelotto
N. 117 Laudato Si' *e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: uma convergência?* – Gaël Giraud e Philippe Orliange
N. 118 *Misericórdia, Compaixão e Amor: O rosto de Deus no Evangelho de Lucas* – Ildo Perondi e Fabrizio Zandonadi Catenassi
N. 119 *A constituição da Dignidade Humana: aportes para uma discussão pós-metafísica* – Thyeles Moratti Precilio Borcarte Strelhow
N. 120 *Renovação do espaço público: pentecostalismo e missão em perspectiva política* – Amos Yong
N. 121 *Viver as Bem-aventuranças numa Igreja em saída* – Tea Frigerio
N. 122 *Ser e Agir, o Reino e a Glória: a Oikonomia Trinitária e a bipolaridade da máquina governamental* – Colby Dickinson

Edward F. Mooney. Doutor em Filosofia (1968) pela University of California Santa Barbara. Professor no departamento de Religião e Filosofia da Syracuse University, no Estado de Nova Iorque, nos Estados Unidos. Dedica-se à abordagem de diversos autores, entre eles, Thoreau, Stanley Cavell, Martha Nussbaum, Lao Tzu, Herman Melville, Emily Dickinson, Soren Kierkegaard, Martin Heidegger e Iris Murdoch.

Algumas publicações do autor

MOONEY, Edward F. *Lost Intimacy in American Thought: Recovering Personal Philosophy From Thoreau to Cavell.* New York, NY-London, UK: Continuum, 2009.

_____. *Ethics, Love, and Faith in Kierkegaard: A Philosophical Engagements.* Bloomington, IN: Indiana University Press, 2008.

_____. *On Soren Kierkegaard. Polemics, Dialogue, Lost Intimacy and Time.* Farnham, UK: Ashgate, 2007.

_____. *Selves in Discord and Resolve: Kierkegaard's Moral-Religious Psychology from Either/Or to Sickness Unto Death.* Abingdon, UK: Routledge, 1996.

_____. *Knights of Faith and Resignation: Reading Kierkegaard's Fear and Trembling.* Albany, NY: State University of New York Press, 1991.

MISTO
Papel
FSC® C106610